

ENTRE BRINCAR E MOVER-SE: A ATIVIDADE FÍSICA COMO MEDIADORA DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Leydiane Rebouças Públio¹; Josias José da Silva Júnior²

1. Aluna do Curso de Bacharel em Educação Física- UNINTER- E-mail: publioleydiane@gmail.com
2. Licenciado em Educação Física – UNEB – E-mail: josiasjsjunior@hotmail.com

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por alterações na comunicação, na interação social e no comportamento, frequentemente associado a déficits psicomotores que afetam o desenvolvimento global da criança. Considerando que o movimento e o brincar constituem linguagens fundamentais da infância, a atividade física — especialmente quando fundamentada na psicomotricidade — emerge como importante mediadora para a inclusão e participação da criança com TEA no contexto escolar. Este artigo, construído por meio de revisão bibliográfica, analisa as relações entre TEA, psicomotricidade e atividade física, discutindo suas implicações para o desenvolvimento motor, social e afetivo de crianças autistas. Os resultados apontam que práticas corporais adaptadas favorecem coordenação, equilíbrio, autonomia, comunicação não verbal, interação social e pertencimento às culturas infantis. Conclui-se que a ação pedagógica baseada no movimento e na ludicidade constitui caminho essencial para promover inclusão e reconhecer a criança autista como sujeito de direitos, produtor de cultura e participante ativo da infância.

Palavras-Chave / Descritores: Transtorno do Espectro Autista; Psicomotricidade; Educação Física Infantil; Inclusão.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) segundo a literatura é definido, como um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta precocemente e compromete diferentes dimensões do desenvolvimento infantil, especialmente as áreas da comunicação, interação social e comportamento. É um transtorno, que envolve um conjunto de características que se expressam de maneira heterogênea, configurando-se como um espectro cuja intensidade e combinação de sinais variam significativamente entre os indivíduos. Os estudos apontam que sua manifestação costuma ocorrer nos primeiros anos de vida, geralmente entre 18 meses e três anos, momento em que se tornam evidentes as dificuldades de comunicação, o afastamento social e a presença de comportamentos repetitivos (KLIN,2006).

A dificuldade de interação social é uma das marcas centrais do TEA. Crianças autistas tendem a apresentar dificuldades em estabelecer contato visual, manter trocas comunicativas espontâneas e compreender expressões afetivas ou sinais sociais de seus pares. Essa limitação

pode se expressar tanto pela ausência de iniciativa social quanto por interações breves e pouco funcionais. As crianças com TEA enfrenta obstáculos para participar de atividades coletivas, demonstrando isolamento, dificuldade de compartilhar brincadeiras e necessidade de mediações específicas para interagir com outras crianças (CAETANO, 2021)

Caetano et al (2015) destaca às alterações na comunicação verbal e não verbal. Muitas crianças com TEA apresentam atraso no desenvolvimento da linguagem oral, ecolalias, uso restrito de palavras ou ausência de fala funcional. Para que elas consigam se comunicar, de acordo com a literatura é comum que utilizem formas alternativas de comunicação, como gestos estereotipados ou comportamentos repetitivos para expressar necessidades. As dificuldades comunicativas, associadas ao comprometimento social, impactam diretamente na capacidade da criança de participar de interações significativas no ambiente escolar ou familiar, exigindo estratégias pedagógicas diferenciadas para promover o acesso à comunicação e ao uso intencional da linguagem.

Crianças com TEA apresentam baixa coordenação global, dificuldades em correr, saltar, equilibrar-se e realizar movimentos amplos com fluidez. Essas alterações motoras constituem um dos aspectos frequentemente associados ao Transtorno do Espectro Autista. Essas dificuldades repercutem no cotidiano escolar, nas interações sociais e na autonomia funcional, limitando sua exploração corporal do ambiente e reduzindo sua iniciativa motora sendo um componente essencial para compreensão integral do transtorno.

O ambiente no qual a criança está inserida desempenha papel significativo na qualidade do desenvolvimento motor. Ambientes pouco estimulantes — marcados por espaços reduzidos, tempo excessivo diante de telas e baixa oferta de brinquedos motores — resultaram em quocientes motores finos e globais inferiores, evidenciando a relação direta entre o contexto ambiental e as habilidades motoras (Nascimento et.al, 2014).

A Educação Física Adaptada consiste na adequação das práticas tradicionais de educação física, transformando-as em atividades seguras, acessíveis e compatíveis com as capacidades funcionais de crianças com necessidades especiais (STRAPASSON, 2002). Segundo a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, esse campo busca compreender como o corpo e a motricidade participam do desenvolvimento global, articulando movimento, pensamento e

emoção como dimensões inseparáveis da formação da criança. Tal compreensão sustenta a ideia de que o movimento não é apenas uma ação mecânica, mas uma forma de expressão, comunicação e interação com o ambiente.

Nessa perspectiva, os artigos destacam a importância de intervenções que integrem movimento, comunicação e interação social. A psicomotricidade e a Educação Física Adaptada são apresentadas como estratégias eficazes para favorecer o desenvolvimento global de crianças com TEA. As intervenções psicomotoras descritas melhoraram significativamente coordenação motora, equilíbrio, iniciativa social, participação em grupo e organização comportamental, reforçando a relação entre corpo, afetividade e aprendizagem. A literatura argumenta que o trabalho psicomotor estruturado e lúdico contribui não apenas para o desenvolvimento motor, mas também para o fortalecimento das competências comunicativas e sociais, além de estimular autonomia e segurança emocional.

Por fim, os estudos convergem para a compreensão de que o TEA não deve ser reduzido a um conjunto de limitações, mas entendido como uma condição complexa, que exige intervenções integradas, sensíveis às singularidades da criança e fundamentadas em práticas inclusivas. Assim, os artigos analisados concluem que compreender o autismo implica reconhecer a interdependência entre aspectos motores, sociais, afetivos e linguísticos, legitimando a necessidade de práticas educativas que considerem a criança em sua totalidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, conduzida com o objetivo de reunir, analisar e sintetizar as evidências científicas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), às alterações motoras, à psicomotricidade, às práticas de atividade física e às culturas da infância no contexto da Educação Infantil. A busca bibliográfica foi realizada nas bases eletrônicas SciELO e Google Acadêmico, empregando os seguintes descritores em língua portuguesa: “Transtorno do Espectro Autista”, “Psicomotricidade”, “Atividade Física”, “Educação Física Adaptada” e “Inclusão escolar”. Complementarmente, foram consultados livros, capítulos, artigos impressos e documentos pedagógicos da área da educação, psicomotricidade e desenvolvimento infantil, publicados entre 2010 e 2025.

Foram incluídos na revisão estudos que: abordavam crianças com TEA no contexto escolar ou clínico; apresentavam discussões sobre habilidades motoras, desenvolvimento psicomotor ou atividade física; analisavam práticas lúdicas, corporais ou de Educação Física Adaptada; apresentavam dados descritivos, qualitativos ou quantitativos relacionados ao desenvolvimento motor, interação social, comunicação ou inclusão; estavam publicados em português. Foram excluídos: artigos duplicados; estudos cujo foco não envolvia atividade física, psicomotricidade ou interação social no TEA; pesquisas exclusivamente médicas, sem relação com desenvolvimento motor ou escolar; estudos sem resultados claros ou sem vínculo com práticas corporais e inclusão. Todas as etapas da revisão integrativa — busca, seleção, leitura, avaliação dos estudos e extração de dados — foram conduzidas pelos pesquisadores. Após a remoção dos trabalhos duplicados, procedeu-se à leitura dos títulos, resumos e, posteriormente, da íntegra dos textos potencialmente elegíveis. Os dados extraídos dos estudos incluíram: características da população investigada; habilidades motoras avaliadas; intervenções psicomotoras e práticas corporais utilizadas; efeitos da atividade física e da psicomotricidade no desenvolvimento de crianças com TEA. Os achados foram organizados em categorias temáticas, que subsidiaram a elaboração da discussão e das tabelas apresentados ao longo deste artigo. Ao final, o conjunto de evidências reunidas fundamentou a análise crítica e as conclusões desta revisão integrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alterações Motoras no Transtorno do Espectro Autista: uma análise a partir da literatura

As alterações motoras constituem um dos aspectos frequentemente associados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), embora nem sempre recebam o mesmo destaque que os déficits sociais e comunicativos. Os artigos analisados demonstram que crianças com TEA apresentam comprometimentos significativos no desenvolvimento psicomotor, afetando tanto habilidades globais quanto finas. Essas dificuldades repercutem no cotidiano escolar, nas interações sociais e na autonomia funcional, sendo um componente essencial para compreensão integral do transtorno.

Os estudos revelam que crianças com TEA apresentam baixa coordenação global, dificuldades em correr, saltar, equilibrar-se e realizar movimentos amplos com fluidez. Tais características foram identificadas em avaliações psicomotoras realizadas em intervenções de Educação Física

Adaptada, que demonstraram déficits evidentes em habilidades básicas, como equilíbrio estático e dinâmico, organização corporal e domínio dos movimentos. Esses atrasos motores interferem diretamente na participação das crianças nas atividades escolares e brincadeiras, limitando sua exploração corporal do ambiente e reduzindo sua iniciativa motora.

Outro aspecto amplamente destacado refere-se à coordenação motora fina, frequentemente abaixo do esperado para a idade. Estudos que utilizaram escalas padronizadas, como o PDMS-2, identificaram que grande parte das crianças avaliadas apresentou quocientes motores totais inferiores à média, com prejuízos especialmente acentuados em habilidades como manipulação de objetos, preensão, uso funcional das mãos e precisão gestual. Essas dificuldades repercutem em tarefas do cotidiano escolar, como desenhar, segurar lápis, recortar ou manipular pequenos objetos, podendo afetar também o processo de alfabetização.

As alterações no equilíbrio constituem outro elemento recorrente. Os artigos mostram que tanto o equilíbrio estático quanto o dinâmico encontram-se prejudicados, o que compromete a segurança durante a locomoção e a execução de movimentos que exigem mudanças rápidas de direção ou ajustes posturais. As crianças demonstram instabilidade corporal e fadiga acentuada em atividades que demandam controle postural, o que pode levar à evitação de movimentos ou ao aumento de comportamentos repetitivos como forma de autorregulação.

Os estudos também apontam dificuldades no esquema corporal, orientação espacial e temporal. As crianças com TEA revelam menor consciência do próprio corpo e de suas partes, o que prejudica a organização do movimento e o planejamento motor. Essa condição pode estar associada a falhas na integração sensorio-motora, dificultando a compreensão de conceitos espaciais (dentro, fora, em cima, atrás) e temporais (antes, depois, rápido, devagar), essenciais para a execução de tarefas motoras complexas e para a própria aprendizagem escolar.

Por fim, os artigos reforçam que, embora as alterações motoras no TEA sejam frequentes e significativas, elas respondem positivamente a intervenções psicomotoras, lúdicas e estruturadas. Programas de Educação Física Adaptada e sessões de psicomotricidade demonstraram melhora em coordenação, equilíbrio, organização corporal, iniciativa social e participação em atividades coletivas. Isso evidencia que o corpo e o movimento representam importantes vias de aprendizagem e inclusão para crianças com TEA.

Psicomotricidade e Transtorno do Espectro Autista: articulações entre movimento, desenvolvimento e inclusão

A psicomotricidade, entendida como a ciência que estuda o ser humano por meio da integração entre corpo, movimento, cognição e emoção, desempenha papel fundamental no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nos artigos analisados, a psicomotricidade aparece como uma abordagem capaz de favorecer dimensões motora, social, comunicativa e afetiva, especialmente quando aplicada no contexto escolar e em práticas de Educação Física Adaptada.

Crianças com TEA frequentemente apresentam alterações no desenvolvimento motor, incluindo dificuldades de coordenação global e fina, prejuízos no equilíbrio, déficits na organização espaço-temporal e limitações no esquema corporal. Estudos realizados com baterias psicomotoras e escalas de desenvolvimento mostram que grande parte dessas crianças alcança resultados abaixo da média em quocientes motores totais, o que indica impacto significativo do TEA na motricidade. Esses déficits não são secundários, mas componentes estruturais da condição, influenciando a forma como a criança percebe o corpo, explora o ambiente e interage socialmente.

A psicomotricidade se apresenta, nesse contexto, como uma ferramenta essencial para favorecer o desenvolvimento global. O artigo "A psicomotricidade e a Educação Física Adaptada no desenvolvimento de crianças com TEA" demonstra que intervenções psicomotoras, quando integradas a práticas lúdicas, produzem melhorias significativas em coordenação, equilíbrio, lateralidade, esquema corporal e noção espacial. Além disso, tais intervenções contribuem para aumentar a participação das crianças nas atividades e ampliar suas possibilidades de comunicação e interação.

A dimensão lúdica, destacada em diferentes estudos, é decisiva para o progresso psicomotor e social de crianças autistas. As intervenções lúdicas inclusivas promovem aproximação entre pares, estimulam o olhar compartilhado, favorecem o brincar conjunto e criam oportunidades para que a criança perceba o outro e seja percebida. O estudo que investigou essas práticas em pré-escolas mostrou que o brincar estruturado, mediado pelo professor, é capaz de transformar

relações sociais e reduzir barreiras comunicativas. Dessa forma, o movimento deixa de ser apenas exercício físico e se torna um canal de comunicação e expressão emocional.

Os artigos também apontam que o ambiente exerce forte influência no desenvolvimento psicomotor. Crianças com TEA que vivem em ambientes com baixa oferta de estímulos motores — poucos brinquedos, espaço reduzido para brincar, excesso de tempo diante de telas — apresentam quocientes motores inferiores aos de crianças expostas a contextos mais estimuladores. Isso evidencia a importância do movimento e das experiências corporais para a maturação neuromotora dessas crianças.

Em síntese, a psicomotricidade representa uma abordagem interdisciplinar que potencializa o desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo de crianças com TEA. Os estudos mostram que práticas psicomotoras: ampliam a consciência corporal, favorecem a comunicação e a interação social, reduzem comportamentos repetitivos, melhoram o equilíbrio e a coordenação, fortalecem a autonomia, contribuem para a inclusão escolar e social. Assim, a psicomotricidade não atua apenas sobre o corpo, mas sobre o sujeito em sua totalidade, reforçando sua importância nos processos educativos e terapêuticos voltados a crianças com TEA. Ao integrar movimento, emoção e aprendizagem, ela oferece caminhos concretos para promover desenvolvimento e inclusão.

TABELA 1 – Benefícios Motores da Educação Física para crianças com TEA.

Benefícios Motores	Descrição do Benefício	Evidências nos Artigos
Melhora da coordenação global	Avanços em correr, saltar, arremessar e organizar movimentos amplos.	Intervenções psicomotoras mostraram evolução significativa na coordenação (RABAMA, 2019)
Aprimoramento da coordenação fina	Melhora na manipulação de objetos, atividades com mãos e dedos, precisão gestual.	Testes motores PDMS-2 e avaliações psicomotoras revelaram ganhos após atividades estruturadas (AHEMD/PDMS-2, 2020)
Desenvolvimento do equilíbrio	Estabilidade postural e maior controle corporal em atividades estáticas e dinâmicas.	Estudos identificaram melhora significativa no equilíbrio após circuitos psicomotores (BJD, 2020)
Ampliação da consciência corporal	A criança passa a reconhecer melhor as partes do corpo e seus movimentos.	Atividades psicomotoras favoreceram esquema corporal e organização espacial (RABAMA, 2019)
Melhora da orientação espacial e temporal	Compreensão de direções, posições, ritmo e sequência de movimentos.	Intervenções em EF adaptada mostraram evolução na organização espaço-temporal (BJD, 2020)
Aumento da força e resistência	Desenvolvimento físico geral decorrente de brincadeiras ativas.	Aulas com atividades lúdicas intensificaram engajamento e vigor físico (Momento, 2021)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

TABELA 2 – Benefícios Sociais, Comunicativos e Comportamentais da Educação Física no TEA.

Benefícios Sociais e Comportamentais	Descrição do Benefício	Evidências nos Artigos
Aumento da interação social	A criança passa a brincar mais com os colegas e participar de atividades em grupo.	Intervenções lúdicas inclusivas aumentaram vínculos entre crianças (Momento, 2021)
Estímulo à comunicação não verbal	Uso do corpo, gestos, expressões e ações compartilhadas como forma de comunicação.	A EF criou oportunidades de comunicação corporal entre crianças autistas (RABAMA, 2019)
Redução do isolamento e retraimento	A criança participa mais do grupo, evitando comportamentos de evitamento social.	Inclusão em brincadeiras coletivas diminuiu isolamento (Momento, 2021)
Diminuição de estereotípias motoras	Redução de movimentos repetitivos quando engajada em tarefas motoras.	Movimentos direcionados diminuíram comportamentos repetitivos (RABAMA, 2019)
Aumento da autonomia e iniciativa	A criança torna-se mais independente em tarefas motoras e sociais.	Atividades corporais favoreceram iniciativa e tomada de decisão (BJD, 2020)
Fortalecimento da autorregulação emocional	O movimento auxilia na diminuição da ansiedade e na regulação sensorial.	Práticas psicomotoras ajudaram no controle emocional e comportamental (AHEMD, 2020)
Facilitação da inclusão escolar	A EF cria ambientes onde a criança participa da cultura do brincar e do movimento.	Aulas inclusivas aproximaram crianças autistas dos colegas (Momento, 2021)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

TABELA 3 - Habilidades Motoras Prejudicadas no TEA e Estratégias Psicomotoras Correspondentes.

Habilidades Motoras Prejudicadas no TEA	Descrição da Dificuldade	Estratégias Psicomotoras Recomendadas	Evidências (Artigos Analisados)
Coordenação Motora Global	Movimentos amplos descoordenados; dificuldade para correr, saltar, rolar e realizar ações sequenciais.	• Circuitos motores• Jogos de correr e parar• Atividades de saltos direcionados• Brincadeiras com bola grande (quicar, arremessar)	Intervenções psicomotoras demonstraram melhora significativa na coordenação global (BJD, 2020)
Coordenação Motora Fina	Dificuldades com movimentos delicados das mãos: pegar objetos pequenos, enroscar tampas, manipular lápis, tesoura etc.	• Atividades de pinça fina• Brincadeiras de encaixe• Manipulação de massa de modelar• Jogos de enfiar e empilhar	Testes PDMS-2 indicam déficits finos e evolução com práticas estruturadas (AHEMD/PDMS-2, 2020)
Equilíbrio Estático e Dinâmico	Instabilidade ao ficar em um pé só, caminhar em linha reta, subir/descer degraus ou superfícies irregulares.	• Caminhar sobre linhas ou cordas• Atividades com bases instáveis (almofadas, colchonetes)• Yoga infantil• Brincadeiras de equilíbrio em circuito	Estudos mostraram ganhos no equilíbrio após rotinas psicomotoras (RABAMA, 2019)
Esquema Corporal	Dificuldade para reconhecer partes do corpo e suas funções;	• Danças com indicação de partes do corpo• Jogos imitativos (“Simão disse”)	Pesquisas apontam melhora da percepção corporal com atividades

	movimentos desorganizados.	Atividades frente ao espelho• Histórias motoras	lúdico-motoras (Momento, 2021)
Orientação Espacial	Dificuldade para entender conceitos como “em cima”, “atrás”, “longe”, “perto”; atrapalha locomoção e brincadeiras coletivas.	• Circuitos com pontos de referência• Jogos de esconder/achar• Uso de mapas simples e trajetos• Brincadeiras de seguir o líder	Atividades motoras contribuíram para a organização espacial e motora (BJD, 2020)
Organização Temporal e Ritmo	Ritmo corporal desajustado; dificuldades para seguir sequências de movimentos ou atividades com música.	• Danças com marcação de passos• Uso de instrumentos musicais simples• Sequências motoras curtas e repetidas• Jogos com tempo cronometrado	Intervenções com música e movimento melhoraram temporalidade e ritmo (RABAMA, 2019)
Planejamento Motor (Praxia)	Dificuldade em iniciar ações motoras, sequenciar movimentos e resolver desafios físicos simples.	• Atividades de resolução de problemas motores• Circuitos graduados• Brincadeiras que exigem antecipação (pular antes, arremessar depois)• Movimentos guiados verbalmente	Estudos indicam que prática psicomotora reduz lentidão e indecisão nos gestos (BJD, 2020)
Regulação Tônus-Postural	Hipo ou hipertonia; cansaço rápido; postura inadequada durante atividades.	• Atividades de empurrar/puxar objetos• Jogos de tração• Exercícios de respiração e relaxamento• Atividades proprioceptivas (rolar, rastejar)	Pesquisas identificam melhora tônica com atividades regulares e lúdicas (Momento, 2021)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A dificuldade na coordenação motora global, uma das mais presentes no TEA, compromete habilidades como correr, saltar e realizar movimentos amplos com eficiência. As estratégias psicomotoras sugeridas — como circuitos motores, atividades rítmicas e brincadeiras que envolvem movimentos amplos — mostram-se adequadas, pois trabalham simultaneamente organização do corpo, força, ritmo e planejamento motor. Estudos presentes nos artigos analisados reforçam que práticas motoras estruturadas e lúdicas proporcionam ganhos significativos na espontaneidade e fluidez do movimento, favorecendo a autonomia e a interação com o ambiente.

A análise conjunta dos resultados apresentados nas tabelas evidencia que a Educação Física desempenha um papel essencial na promoção do desenvolvimento global de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os benefícios motores descritos na Tabela 1 — como melhora da coordenação, do equilíbrio, da consciência corporal e da orientação espacial — não se configuram apenas como avanços físicos isolados. Esses ganhos repercutem diretamente nas dimensões sociais, comunicativas e comportamentais destacadas na Tabela 2, demonstrando

que a evolução motora funciona como base estruturante para que a criança autista participe mais ativamente das dinâmicas escolares e das culturas da infância.

Ao aprimorar habilidades psicomotoras fundamentais, a Educação Física amplia a capacidade da criança de interagir com o ambiente, explorar espaços, compreender regras simples e envolver-se em atividades coletivas. Esses fatores são decisivos para que ela desenvolva maior iniciativa social, fortaleça vínculos com os pares e participe de brincadeiras compartilhadas — elementos centrais das culturas infantis. Do mesmo modo, a melhora da organização corporal e do equilíbrio favorece a comunicação não verbal, ampliando o uso de gestos, expressões e ações corporais como forma de expressão, o que é particularmente importante para crianças que apresentam atrasos ou dificuldades na linguagem oral.

Os dados indicam que a atividade física adaptada contribui também para a redução de estereotípias, para o aumento da autorregulação emocional e para a diminuição do isolamento social, favorecendo comportamentos mais funcionais e participantes. Assim, os benefícios comportamentais observados não são apenas consequência do esforço físico, mas do engajamento corporal orientado, do caráter lúdico das propostas e da mediação intencional do professor, que atua como facilitador das interações e promotor da inclusão.

Dessa forma, a articulação entre as tabelas demonstra que o movimento constitui uma via privilegiada para o desenvolvimento e a inclusão da criança com TEA, favorecendo tanto aspectos motores quanto sociais e comunicativos. A Educação Física Adaptada não apenas desenvolve habilidades corporais, mas possibilita que crianças autistas se insiram nas práticas culturais da infância — brincar, mover-se, interagir — de forma ativa, significativa e prazerosa. Conclui-se, portanto, que o investimento em intervenções psicomotoras e em práticas corporais inclusivas é fundamental para garantir o direito à participação plena, ao desenvolvimento integral e à construção de experiências positivas no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática regular de atividade física para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revela-se um caminho fundamental para o desenvolvimento global, especialmente quando realizada em ambientes não escolares, como espaços comunitários, praças, parques, projetos

esportivos, clínicas e até mesmo no cotidiano familiar. A literatura analisada demonstra que o movimento atua como uma linguagem central para essas crianças, promovendo ganhos motores, emocionais, sociais e comportamentais.

Os benefícios observados — como melhora da coordenação, equilíbrio, organização corporal, redução de estereotípias e maior autorregulação sensorial — reforçam que o corpo constitui uma via privilegiada de expressão e comunicação no TEA. Em ambientes não formais, onde a atividade física pode assumir caráter espontâneo, lúdico e flexível, a criança autista encontra oportunidades mais amplas para explorar o espaço, testar capacidades motoras e interagir com menos pressão social, respeitando seu ritmo e sua singularidade.

Além disso, práticas corporais externas ao ambiente escolar possibilitam maior envolvimento da família, fortalecem vínculos afetivos e ampliam o repertório de experiências motoras. Atividades como caminhadas, jogos ao ar livre, brincadeiras de correr e pular, circuitos simples, natação, artes marciais e dança contribuem não apenas para o fortalecimento físico, mas também para o desenvolvimento emocional, o bem-estar e a autonomia da criança. A constância dessas práticas proporciona previsibilidade, segurança e um campo fértil para o desenvolvimento de competências sociais espontâneas, que emergem a partir da interação real com outras crianças e adultos.

Assim, a atividade física não escolar deve ser compreendida como espaço de inclusão, acolhimento e liberdade, onde a criança com TEA experimenta novas formas de se relacionar com o corpo e com o mundo. Seu caráter lúdico, acessível e cotidiano permite que o movimento seja parte natural da vida da criança, promovendo saúde física e emocional e fortalecendo sua participação nas culturas da infância. Nessa perspectiva, a atividade física não apenas complementa a intervenção escolar e terapêutica, mas constitui um eixo central na promoção de qualidade de vida, desenvolvimento integral e inclusão social das crianças autistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC / Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.

CAETANO, Sheila Cavalcante et al. (Org.). Autismo, Linguagem e Cognição. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

CAETANO, Ubirajara da Silva; GOMES, Marineide de Oliveira. *Intervenções lúdicas inclusivas: possibilidades e dificuldades de interação e comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autismo em aulas de Educação Física Infantil*. Momento – Diálogos em Educação, v. 30, n. 1, p. 284-303, 2021.

CARVALHO, Lucas Campos de. *Psicomotricidade no desenvolvimento motor das crianças na Educação Infantil*. Brasília: UniCEUB, 2015

DA SILVA CAETANO, Ubirajara; DE OLIVEIRA GOMES, Marineide. INTERVENÇÕES LÚDICAS INCLUSIVAS: possibilidades e dificuldades de interação e comunicação de crianças com transtorno do Espectro Autismo (TEA) em aulas de Educação Física Infantil. Momento - Diálogos em Educação, [S. l.], v. 30, n. 01, 2021. DOI: 10.14295/momento.v30i01.12832. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/12832>. Acesso em: 24 nov. 2025.

DOS SANTOS, Alessandra; COSTA, Gisele M. T. da. *A psicomotricidade na Educação Infantil: um enfoque psicopedagógico*. Revista IDEAU, v. 10, n. 22, 2015.

FONSECA, Vítor da. *Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

GALLAHUE, David; OZMUN, John. *Compreendendo o desenvolvimento motor*. São Paulo: Phorte, 2005.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira. Psiquiatria. São Paulo, 28, n.1 p.3-11, maio. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbHcsndB9Sf5ph5KBYGD/?lang=pt>. Acesso em: 19 de março. 2025.

MELO, D. F.; SILVA, R. J.; OLIVEIRA, P. R. *Oportunidades de estimulação motora e desenvolvimento em crianças autistas: um estudo com AHEMD e PDMS-2*. Brazilian Journal of Development (BJD), 2020.

Nascimento Júnior JRA, Ferreira L, NickenigVis soci JR, Silva PN, Caruzzo NM, Vieira JLL. Nível socioeconômico e affordances do ambiente domiciliar: implicações para o desempenho motor infantil. Rev. Educ. Fís/UEM, v. 25, n. 4, p. 651-662, 4. trim. 2014

SILVA, A. M. et al. *A psicomotricidade e a Educação Física Adaptada no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista*. Brazilian Journal of Development (BJD), 2020.

SOUZA, J. P.; HENRIQUE, F.; LIMA, J. *Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento motor e social da criança com TEA: uma análise psicomotora*. Revista RABMA, 2019.